

Uma perspectiva política centrista: Yves Lacoste e a controvérsia do Terceiro Mundo na intelectualidade francesa

José Arnaldo dos Santos Ribeiro Junior^{ORCID}

Universidade Federal do Maranhão

São Luís, Maranhão, Brasil

jose.arnaldo@ufma.br

RESUMO

Analisa o posicionamento de Yves Lacoste na controvérsia francesa sobre o terceiro-mundismo, a partir de *Contre les anti-tiers-mondistes et contre certains tiers-mondistes*, publicado em 1985. Inscrito na história intelectual, o artigo toma o centrismo como categoria analítica para compreender a posição assumida por Lacoste entre o anti-terceiro-mundismo liberal-conservador e certas vertentes terceiro-mundistas revolucionárias. O estudo mobiliza as memórias de Lacoste, textos dos protagonistas da controvérsia e leituras críticas posteriores. Argumenta que a Revolução Cultural, o genocídio cambojano e a crise dos *boat people* contribuíram para deslocar Lacoste de um horizonte socialista-revolucionário para uma gramática reformista, democrática e humanitária. Ao rejeitar tanto a denúncia liberal do terceiro-mundismo quanto a unidade política automática do Terceiro Mundo, Lacoste defendeu a eficácia das políticas de ajuda, mas reduziu o peso explicativo do imperialismo, da pilhagem e das relações coloniais na formação do mundo moderno.

PALAVRAS-CHAVE: Yves Lacoste; Terceiro Mundo; terceiro-mundismo.

INTRODUÇÃO

Nesse primeiro quarto de século XXI a locução Terceiro Mundo praticamente deixou de existir. Os jornais, os livros, os intelectuais falam em “Sul Global”, “multipolaridade”, “países emergentes”. É certo que se fala também em reparações históricas ou descolonização dos saberes, mas o horizonte de um mundo emancipado, leia-se: comunista, parece ter desaparecido. O BRICS¹ se expande no intuito de edificar uma nova ordem multipolar – ainda assim, capitalista. O Grupo dos 77² existe, embora praticamente seja desconhecido do grande público. O triunfo do Consenso de Washington e da ordem unipolar estadunidense parecem ter sepultado os sonhos de emancipação – dos povos e dos intelectuais.

No entanto, entre as décadas de 1950 e 1970, o Terceiro Mundo não designava apenas um conjunto de países pobres ou recentemente descolonizados. Era também uma representação geopolítica, um campo de expectativas e um operador de crítica ao capitalismo mundial. Parte significativa da intelectualidade europeia, inclusive francesa, viu nos movimentos anticoloniais, na Revolução Cubana, na Revolução Argelina e na Revolução Vietnamita a possibilidade de deslocar para a periferia do sistema capitalista o protagonismo histórico da emancipação.

A partir da segunda metade dos anos 1970, esse imaginário entrou em crise. A Revolução Cultural chinesa, o genocídio cambojano, a guerra sino-vietnamita, a crise dos *boat people* e a percepção de que muitos regimes saídos de processos revolucionários haviam produzido novas formas de autoritarismo alteraram profundamente o vocabulário político da esquerda intelectual francesa. O terceiro-mundismo passou então a ser objeto de contestação pública, e o anti-terceiro-mundismo ganhou visibilidade como crítica moral, política e ideológica às esperanças depositadas no Sul. É nesse campo de tensões que se insere Yves Lacoste (1929-2026).

Geógrafo ligado à renovação crítica da geografia francesa, autor de *Géographie du sous-développement, Unité et diversité du tiers monde* e fundador de *Hérodote*, Lacoste participou diretamente da controvérsia ao publicar, em 1985, *Contre les anti-tiers-mondistes et contre certains tiers-mondistes*. Este artigo analisa a posição assumida por Lacoste nessa querela, com especial atenção ao modo como ele se distancia simultaneamente do anti-ter-

1 Sigla em língua inglesa de Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul.

2 Coalizão de países em desenvolvimento criada em 1964 no âmbito da UNCTAD.

ceiro-mundismo liberal-conservador e de determinadas formas de terceiro-mundismo revolucionário.

A questão que orienta a análise pode ser formulada nos seguintes termos: que posição política e intelectual Lacoste constrói ao intervir no debate francês sobre o terceiro-mundismo? A hipótese defendida é que sua intervenção expressa uma perspectiva política centrista. Por centrismo não se entende aqui uma filiação partidária, nem necessariamente uma auto-definição explícita do autor. Trata-se de uma categoria analítica destinada a designar o lugar ocupado por Lacoste no campo intelectual francês dos anos 1980: uma posição que recusa a direita anti-terceiro-mundista, mas que também abandona o horizonte socialista-revolucionário que havia sustentado parte importante do terceiro-mundismo.

O presente escrito vincula-se à *história intelectual*. Nos termos de François Dosse (2006 [2003]), trata-se de um projeto de elucidação das obras dos pensadores na sua historicidade. A posição de Lacoste será, portanto, analisada em sua singularidade e, ao mesmo tempo, como parte de um ambiente intelectual mais amplo. O objetivo não é apenas reconstituir a controvérsia, mas compreender como a crise do terceiro-mundismo reconfigurou as categorias políticas mobilizadas por Lacoste para pensar o Terceiro Mundo, o imperialismo, a ajuda e a revolução.

As fontes principais são as memórias de Yves Lacoste, reunidas em *Aventures d'un géographe* (2018), o livro *Contre les anti-tiers-mondistes et contre certains tiers-mondistes* (1991 [1985]), a crítica de Pascal Bruckner em *Le Sanglot de l'homme blanc* (1983), além das leituras de Chaliand (1977 [1976]), Nikel (2002 [1996]), Szczepanski-Huillery (2005), Dosse (2018), Coutau-Bégarie (1985), Drouin (1986), Goussault (1986) e Latouche (1987).

O texto organiza-se em duas partes. Na primeira, reconstitui a formação do terceiro-mundismo, a emergência do anti-terceiro-mundismo, bem como define o centrismo como categoria analítica. Depois, examina a intervenção lacostiana na controvérsia – destacando seus argumentos centrais – e avalia as críticas dirigidas ao livro, retomando os limites e alcances da posição assumida por Lacoste.

TERCEIRO MUNDO, TERCEIRO-MUNDISMO, ANTI-TERCEIRO-MUNDISMO

Começamos por uma definição dos termos. Terceiro Mundo foi cunhado pelo demógrafo francês Alfred Sauvy (1898-1990). Apareceu no jornal

L'Observateur edição de 14 de agosto de 1952 intitulada *Trois Mondes, Une Planète*, ou seja, Três Mundos, Um Planeta. Assim, deve-se compreender a reflexão de Sauvy nos termos da rivalidade entre o capitalismo ocidental e o comunismo oriental. Trata-se de uma expressão forjada no âmbito da Guerra Fria, quer dizer, um escrito formulado no bojo do “constante confronto das duas superpotências que emergiram da Segunda Guerra Mundial” (Hobsbawm, 1995 [1994], p.223).

O Terceiro Mundo abrangia dois tipos de países: os capitalistas subdesenvolvidos – por oposição aos países capitalistas desenvolvidos do Primeiro Mundo; e os países socialistas não-alinhados à União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS) – Segundo Mundo. Destarte, os Estados do Terceiro Mundo localizavam-se eminentemente em África, Ásia e América Latina, e comungavam, dentre outros fatores, de uma independência política tardia. Denis Tognide (1987, p.175) esclarece que o fio condutor histórico comum que agrupa essas diversas áreas geográficas era justamente a “história do colonialismo e suas transformações recentes”.

Enquanto *conceito*, nos termos de Agnew (2003 [1998]), Terceiro Mundo passou a significar a resistência às superpotências e a possibilidade de vias distintas de desenvolvimento. Exemplifica com as teorias do desenvolvimento baseadas na *dependência*, que rejeitavam as origens do desenvolvimento desigual enquanto determinações meramente internas às sociedades do Terceiro Mundo. Por isso mesmo acentuavam as relações externas, político-comerciais, com as sociedades dos centros da economia mundial. Se por um lado o movimento não-alinhado rechaçava a predileção seja pelos Estados Unidos da América (EUA) ou pela URSS, as classes dominantes e as elites acadêmicas de ambos os lados não tinham dúvida quanto à subordinação (no caso estadunidense) ou a imitação (no caso soviético). E o sucesso de ambos os lados dependia da capacidade de recrutar candidatos para seus respectivos modelos de economia política na vasta *zona geográfica* que era o Terceiro Mundo.

Por seu turno, Jacqueline Hekpazo (1987, p.180) considerou que terceiro-mundismo significava apoiar as aspirações dos países do Terceiro Mundo de estabelecer o controle sobre suas riquezas, desenvolver as forças produtivas e promover as culturas nacionais. Significava também apoiar as demandas dos países do Terceiro Mundo por uma reformulação das relações econômicas com base na equidade e na democracia. E afirmou: “o terceiro mundismo, na minha opinião como africana, é a luta anti-imperialista consequente”.

Por essa via, pode-se entender que o terceiro-mundismo era simultaneamente um termo e um movimento. De modo marxiano, uma categoria³ que capturava determinada forma de ser da realidade histórica à época – aquela que apontava para uma emancipação dos povos do mundo a partir da periferia do sistema capitalista mundial. Esse movimento de emancipação, que nasce com as descolonizações em Ásia e África, atravessa a “Conferência das nações asiáticas”, realizada em Nova Délhi (Índia) em 1947; a ruptura da então Iugoslávia com a URSS em 1948; a Conferência de Bandung (18 a 24 de abril de 1955); e o movimento dos “não-alinhados” em 1961 onde reuniram-se Josip Broz Tito, Jawaharlal Nehru, Gamal Abdel Nasser, Kwame Nkrumah, Sukarno e Haïlé Sélassié – além de representantes de outros vinte estados nacionais.

Durante a década de 1960, a Revolução Argelina, a Revolução Cubana, a Revolução Vietnamita e a oposição à guerra dos Estados Unidos impulsionaram uma euforia terceiro-mundista. Na França, a luta argelina e os escritos de Frantz Fanon simbolizaram o anticolonialismo; no Ocidente, essas causas convergiram com os movimentos estudantis e com a crítica ao imperialismo (Chaliand, 1977 [1976]).

Em todo caso, no início dos anos 1960, Terceiro Mundo ainda não cobria a América Latina e o terceiro-mundismo era ainda sinônimo de “não-alinhamento”. Em razão da independência política datando, principalmente, do século XIX, os países latino-americanos eram considerados como pertencentes ao bloco ocidental. Essa situação só vai mudar quando os EUA romperem relações diplomáticas com Cuba em 1961. Fidel Castro procura então se aproximar da Organização de Solidariedade dos Povos da África e da Ásia (OSPAA) cuja primeira conferência aconteceu no Cairo, Egito, entre dezembro de 1957 e janeiro de 1958. Samir Amin (2008) observa que a OSPAA foi atravessada, desde o princípio, por uma contradição que não fez a organização avançar. De um lado, os poderes estatais derivados da radicalizada libertação nacional burguesa optam por uma aliança diplomática com Moscou – um ferimento no não-alinhamento – que tornaria possível fazer frente às potências ocidentais no contexto da Guerra Fria. É o caso do Egito, Índia, Indonésia e Síria. Do outro lado estão os movimentos que ainda não triunfaram e simpatizam com as teses de Pequim de que o imperialismo

3 No Grundrisse, Marx (2011 [1857-1858], p.59) nos ensina que “as categorias expressam formas de ser, determinações de existência”.

é o principal inimigo. Argélia, as colônias portuguesas⁴ e a África do Sul se enquadram nesse grupo.

Fidel Castro vai propor à OSPAA, em 1963, uma conferência de três continentes – incorporando, pois, a América Latina. Contudo, a proximidade de Cuba com a URSS se chocava com as teses do “não-alinhamento” e com os chineses – até então envoltos num conflito com os soviéticos. Será o marroquino Mehdi Ben Barka, nascido em 1920, que triunfará onde Fidel falhou. Ele, sendo próximo dos círculos intelectuais parisienses e dos movimentos *de gauche* da França, vai amenizar as dificuldades e será o eixo da conferência Tricontinental realizada, curiosamente, em Havana em 1966. Mas, Ben Barka não verá a conferência pois ele será assassinado, em Paris, pelos serviços de inteligência da França e do Marrocos, em 29 de outubro de 1965. “Da operação, participaram policiais da contra-inteligência francesa, em cumplicidade com o ministro do Interior marroquino, o general Oufkir, e a CIA” (Furiati, 2001, p.170).

A Conferência Tricontinental de Solidariedade dos Povos da África, Ásia e América Latina reunirá 82 delegações de partidos ou movimentos “anti-imperialistas” (187 delegados asiáticos, 131 africanos e 112 latino-americanos). A partir desse momento Terceiro Mundo vai englobar a América Latina. A ressonância dessa conferência, os comentários que são feitos, ampliam em vários países a utilização da expressão Terceiro Mundo (Lacoste, 1980a).

É possível dizer que, com o fim da Guerra da Argélia, são Cuba e Vietnã que se tornam os campeões do Terceiro Mundo, representações telúricas do confronto bíblico entre Davi e Golias – a potência estadunidense. Suas heroicas lutas contra os EUA impulsionam mais ainda a expressão. Anos depois, em 1973, a própria China se incluirá no Terceiro Mundo – em virtude do seu conflito com a URSS. Sem embargo, é face ao “Tio Sam” que a unidade do Terceiro Mundo é reforçada. Yves Lacoste lembra a frase de Ernesto “Che” Guevara (2004 [1967], p.425): “Criar dois, três... muitos Vietnã, é o slogan”. Guevara seria morto um ano depois da Conferência Tricontinental, em 09 de outubro de 1967, tentando “criar um Vietnã” na Bolívia.

Como é possível observar, todos esses movimentos – por vezes revolucionários – foram vitoriosos no Terceiro Mundo: Vietnã, Cuba, Argélia. O fato é que se o horizonte revolucionário ainda era visível na periferia do capitalismo, no centro do sistema a situação era diferente. Com a exceção da Revolução dos Cravos em Portugal (1974), não havia mais motivos para acreditar que

4 Referência às colônias portuguesas na África e na Ásia.

ocorreriam movimentos revolucionários no “Velho Mundo” ou na “América”. A URSS também não aparecia mais como baluarte da revolução – outro fator que explica o deslocamento das esperanças revolucionárias para o Terceiro Mundo. Contudo, esses intelectuais franceses vão também se desencantar, sobretudo, com a evolução dos regimes do Camboja, China e Vietnã.

Em 1976, o politólogo Gérard Chaliand publica *Mythes révolutionnaires du Tiers-monde – Guérillas et socialisme*. O livro aborda especificamente os problemas (políticos e sociais) da revolução em países anteriormente coloniais ou semicoloniais africanos, asiáticos e latino-americanos. Fruto de anos de investigação na África Tropical, América Latina, Índia, Magrebe, Oriente Médio e Sudeste Asiático, o autor⁵ demonstra os impasses e fracassos dos movimentos guerrilheiros e qualifica como “mito” as esperanças desses movimentos revolucionários.

Para o autor, o terceiro-mundismo tinha se revelado um mito porque – entre outros acontecimentos – com exceção de Cuba, a única guerra popular vitoriosa e de proporções heroicas foi a da Indochina (particularmente o Vietnã); o rei Hassan II (1929-1999) do Marrocos, o rei Hussein da Jordânia, Ferdinando Marcos (1917-1989) nas Filipinas e o general sul-coreano Park Chung Hee (1917-1979) ainda estavam no poder em seus respectivos países; além disso, o Xá Reza Pahlavi e a ditadura militar no Brasil (1964-1985) desafiavam as expectativas ao alcançar crescimento econômico mas também o status de potência regional (Chaliand, 1977 [1976]).

Na França, Jacques Julliard, em 1978, reagiu às violações de direitos humanos em Angola, Camboja, Mauritânia e Vietnã. Sua intervenção revelou uma clivagem na esquerda: o Terceiro Mundo podia manter um sentido econômico, mas seu significado político, associado ao não-alinhamento e à emancipação, tornava-se cada vez mais problemático (Dosse, 2018).

Não obstante, no intuito de evitar achar que a crise do terceiro-mundismo é (apenas) uma crise dos intelectuais franceses, é importante remetermos esse desencantamento aos fatos históricos. Em 1978 completavam-se dois anos da reunificação do Vietnã, e apenas três do fim de uma sangrenta guerra que, apenas na fase estadunidense (1965-1973), ceifou a vida de 2 milhões de vietnamitas, a maioria civis. Se contabilizarmos desde 1939, o número de mortos atinge mais de 4 milhões (Visentini, 2008). Obviamente, um país que teve de resistir e vencer o colonialismo francês, o militarismo japonês

5 Chaliand acompanhou movimentos anticoloniais na Argélia, Guiné-Bissau, Vietnã e Palestina.

e o imperialismo estadunidense, não poderia resolver seus problemas de infraestrutura e abastecimento num espaço de tempo tão curto. Era preciso se recuperar dos bombardeamentos causados pela *United States Air Force*, desenvolver a agricultura, empreender trabalhos hidráulicos, etc.

Sem embargo, de todas as dificuldades do Sul do Vietnã, a questão dos *boat people* era um dos sintomas mais preocupantes. Isso era reconhecido pelo então primeiro-ministro (1976-1987) Pham Van Dong (1906-2000) que atribuía a situação, *inter alia*, aos conflitos com a China. Buscando responder por qual razão esse fenômeno acontecia, Yves Lacoste, que estava em sua quarta pesquisa no Vietnã, contrapõe suas observações ao que era relatado pelos jornais ocidentais. Estes atribuíam à fome e às perseguições políticas massivas. O geógrafo não nega que a situação alimentar em Cidade Ho Chi Minh não era boa, mas observa que era melhor que em Hanoi. No caso das perseguições, longe de apresentar a situação como idílica, Lacoste se surpreende ao constatar a presença da música estadunidense, a liberdade religiosa de confessar o cristianismo. Ele também relembra que os ataques do *Khmer rouge*⁶ de 1976 a 1978, somado com o conflito com a China, fizeram com que o governo vietnamita respondesse draconianamente e terminasse por “decepcionar (ou chocar) muitos democratas” (Lacoste, 1981, p.61). Não podemos esquecer que entre 1970 e 1975, portanto antes do regime *Khmer rouge*, a guerra e os bombardeamentos já haviam ceifado a vida de cerca de 500 mil cambojanos, ou 7% da população do país. Aliás, papel de destaque coube aos EUA. Com o desígnio de destruir as trilhas de comunicação entre o Vietnã do norte e os *maquis* do Vietnã do Sul, a aviação estadunidense lançou 40 mil toneladas de bombas por mês sobre o Camboja entre 1972-1973 (Bruneau, 1996). Quando o Vietnã derrubou o regime do *Khmer rouge*, os EUA não comemoraram. E a China de Deng Xiaoping, que desde 1973 havia se aproximado de Washington, ficou furiosa e considerou aquilo como uma agressão do Vietnã contra seu aliado Pol Pot (Bevins, 2020). Os EUA não deixaram de conferir razão à China dizendo que o Vietnã era o país celerado ao mesmo tempo em que silenciava sobre os crimes do *Khmer rouge* (Pons, 2014).

Séverine Nikel (2002 [1996], p.191-192) nos ajuda a entender a questão dos *boat people* no seio da intelectualidade francesa. Desde 1976 a imprensa tomou ciência do êxodo dos vietnamitas que fugiam em barcos de pesca. Em 22 de novembro de 1978 é fundado o comitê “Um barco para o Vietnã”. Esse

⁶ Partido Comunista do Kampuchea, responsável pelo regime cambojano de 1975 a 1979.

comitê, cujo um dos fundadores era o ex-maoísta André Glucksmann (1937-2015), lança um apelo no *Le Monde* e organiza uma conferência de imprensa. O objetivo era duplo: reunir fundos para fretar um barco no intuito de resgatar os refugiados no mar da China e encontrar países dispostos a acolhê-los.

Entre os signatários do apelo estava boa parte da intelectualidade francesa – da direita à esquerda: Raymond Aron (1905-1983), Roland Barthes (1915-1980), Simone de Beauvoir (1908-1986), François Châtelet (1925-1985), Michel Foucault (1926-1984), Jean Lacouture, Emmanuel Le Roy Ladurie (1929-2023), Bernard-Henri Lévy, Edgar Morin, Jean-François Revel, entre outros “decepcionados e chocados”. O Partido Comunista e a ala esquerda do Partido Socialista advertiram: tratava-se de uma operação que visava desacreditar o regime vietnamita. Paulo Visentini (2008) pensa mesmo em uma campanha anti-vietnamita.

Yves Lacoste (1981) elucida que os *Hoas* – etnia chinesa – eram a maior parte dos fugitivos. A razão dessa fuga foi a nacionalização das empresas industriais e comerciais que eles detinham no Vietnã. Agente chineses anunciavam a proximidade de uma guerra sino-vietnamita, inclusive com a possibilidade de pogroms. Uma verdadeira campanha de pânico se instaurou e muitos chineses temiam serem denunciados como traidores da pátria caso permanecessem no Vietnã. Foi, como observa Lacoste, uma excelente operação para a China que atingiu o prestígio da pátria de Ho Chi Minh – decorrente da sua luta contra o imperialismo. Era a “razão propagandística” que o governo de Deng Xiaoping precisava para atacar o Vietnã em 1979. Ainda assim, restaram cerca de 1 milhão de *hoas*, sendo 500 mil apenas em Cidade Ho Chi Minh. Quanto aos europeus e estadunidenses, era a ocasião perfeita para se emocionarem e criticarem o socialismo vietnamita esquecendo-se, como lembra o geógrafo, da responsabilidade que França e EUA tinham em empreender uma guerra de 30 anos.

De qualquer forma, o estrago estava feito na intelectualidade francesa. A mobilização era sinal de uma ruptura com os combates ideológicos das décadas anteriores. Assinalava a desilusão das esperanças revolucionárias do Terceiro Mundo. Subitamente, *boat people* e judeus foram equalizados – que, do outro lado da moeda, significava equivaler o nazismo com todo e qualquer regime socialista. Apontava o deslocamento do engajamento político para a preocupação moral (e, adicionemos, os direitos humanos). Um dos momentos símbolos foi a presença de Sartre e Aron em 26 de junho de 1979 no Palácio do Eliseu, local onde o então presidente (1974-1981) Valéry

Giscard d'Estaing (1926-2020) acolhera uma delegação do comitê (Nikel, 2002 [1996]). Essa data é considerada por Michel Winock, em seu *Le XXe siècle idéologique et politique* (2009), como o dia simbólico do colapso do mito marxista-leninista entre os intelectuais.

Esse sentimento, digamos, de desesperança, de desengajamento, que os *boat people* tiveram na intelectualidade francesa é também assinalado por Michel Winock em *Le siècle des intellectuels* (1997). Para ficarmos apenas no eixo da Indochina, os massacres do *Khmer Rouge*⁷ e a Revolução Cultural sinalizavam que era preciso desafiar o próprio sistema ideocrático socialista. François Dosse (2018) lista os *boat people* e o genocídio cambojano como acontecimentos que completam o desespero coletivo e terminam por desconvenecer uma geração intelectual que cria num curso da história emancipador. Ele observa ainda que tais eventos fazem com os valores democráticos do ocidente sejam reavaliados pelos intelectuais. A oposição entre democracia ocidental e “totalitarismo oriental” ganha novas camadas que desaguam numa luta cada vez maior de defesa dos direitos humanos face a emancipação política.

Assim, a crise dos *boat people* funcionou como operador de deslegitimação do imaginário revolucionário terceiro-mundista. Ela permitiu que a crítica aos regimes socialistas asiáticos fosse deslocada para uma crítica mais ampla ao próprio terceiro-mundismo. Em Lacoste, esse episódio não produz adesão ao anti-terceiro-mundismo liberal, mas contribui para deslocá-lo de uma expectativa emancipatória fundada na revolução para uma posição reformista, preocupada com a eficácia da ajuda, com a diversidade dos Estados do Terceiro Mundo e com a crítica simultânea dos dois polos da controvérsia. É nesse deslocamento que se deve situar sua intervenção em 1985.

Antes de analisar diretamente a intervenção de Lacoste, é necessário explicitar o que se entende aqui por perspectiva política centrista. A palavra centrismo pode induzir ambiguidades. Ela não designa, neste artigo, uma posição partidária formal, nem uma adesão doutrinária a um programa político de centro. Também não é tomada como categoria nativa central do geógrafo, embora o próprio título de seu livro indique uma tentativa de distanciamento

⁷ As estimativas variam: Visentini e Pereira (2012) mencionam 2 milhões de mortos; Bruneau (1996), cerca de 1 milhão.

em relação aos dois polos da controvérsia: contra os anti-terceiro-mundistas e contra certos terceiro-mundistas.

Trata-se, antes, de uma categoria analítica. Ela permite identificar uma posição construída no interior do campo intelectual francês dos anos 1980, quando a crise das experiências socialistas, a crítica ao totalitarismo, a valorização dos direitos humanos e o enfraquecimento do imaginário revolucionário reordenaram as fronteiras entre esquerda, direita, liberalismo, socialismo e anti-imperialismo.

Nesse sentido, o centrismo lacosteano pode ser reconhecido por cinco determinações. A primeira é a dupla recusa: Lacoste combate os anti-terceiro-mundistas, que vê como portadores de argumentos simplificadores, egoístas ou xenófobos, mas também critica certas formas de terceiro-mundismo que teriam transformado o Terceiro Mundo em sujeito revolucionário homogêneo.

A segunda é a valorização da diversidade geopolítica. O geógrafo aceita a existência do Terceiro Mundo como representação e problema de conjunto, mas recusa a ideia de uma unidade política automática. Para ele, as rivalidades entre Estados, os conflitos regionais e os interesses nacionais impedem que se atribua ao Terceiro Mundo uma solidariedade espontânea.

A terceira é o deslocamento do horizonte revolucionário para uma gramática reformista. A emancipação deixa de aparecer como ruptura socialista e passa a ser pensada por meio da eficácia da ajuda, da moderação política e da prevenção de catástrofes. A metáfora da ajuda como “freio de emergência” é decisiva: ela não projeta uma transformação estrutural do sistema mundial, mas uma intervenção destinada a impedir o agravamento da fome, da miséria e dos conflitos.

A quarta é a incorporação parcial da linguagem antitotalitária. Ao qualificar determinadas experiências socialistas como totalitárias, Lacoste aproxima-se de um vocabulário político que, no contexto francês dos anos 1970 e 1980, permitia reavaliar criticamente o comunismo. Isso não o transforma em liberal conservador, mas reposiciona sua crítica em relação ao socialismo revolucionário.

A quinta e última determinação é a redução relativa do peso explicativo do imperialismo. O geógrafo não ignora o colonialismo, a dominação externa nem a responsabilidade das grandes potências. Contudo, sua análise tende a enfatizar os fatores internos aos Estados do Terceiro Mundo, as elites dirigentes locais, a pressão demográfica, o crescimento das necessidades e a diversidade das trajetórias nacionais. Esse deslocamento não elimina

a crítica geopolítica, mas limita a centralidade da exploração imperialista como chave explicativa.

Definido nesses termos, o centrismo não é um rótulo moral, mas um instrumento de leitura. Ele permite compreender a posição de Lacoste como uma tentativa de preservar uma preocupação com o Terceiro Mundo sem manter o horizonte terceiro-mundista revolucionário. A consequência é ambivalente: de um lado, o geógrafo escapa à denúncia liberal pura e simples; de outro, sua crítica reduz a força explicativa de categorias como imperialismo, pilhagem e dependência.

LACOSTE DIANTE DOS ANTI-TERCEIRO-MUNDISTAS E DE CERTOS TERCEIRO-MUNDISTAS

Em 1979, a vitória de Margareth Thatcher (1925-2013) no Reino Unido, bem como a eleição de Ronald Reagan (1911-2004) em 1980 nos EUA, apontava – no centro do sistema – que um “liberalismo renovado” se descortinava. Mas na França era um socialista, François Mitterrand (1916-1996), quem havia sido eleito. Não obstante, o caso dos *boat people*, os conflitos e contradições nos seios das nações socialistas calaram fundo no meio intelectual francês.

Na virada dos anos 1980, Carlos Rangel retomou a ofensiva contra o terceiro-mundismo. Em *El tercermundismo*, ele o descreveu como uma ideologia simplista e como componente do socialismo. Sua crítica dirigia-se simultaneamente à dependência, ao anti-imperialismo e à possibilidade de uma unidade histórica do Terceiro Mundo.

Rangel classificava o terceiro-mundismo como uma “tendência emocional” ou “neurose” e contestava a homogeneidade do Terceiro Mundo. Ao negar a centralidade das relações externas, deslocava a explicação do subdesenvolvimento para fatores internos. Seu exemplo positivo era o Japão; contudo, esse argumento ignorava que a modernização japonesa também se articulou a uma trajetória imperialista.

Em maio de 1983, Bruckner publicou *Le Sanglot de l’homme blanc*. Neste livro, ele objetiva estudar a história da ideia de Terceiro Mundo na Europa e na América desde o início dos anos 60. Datam dessa época o Comitê Católico contra a Fome e pelo Desenvolvimento (CCFD), de 1961; o triunfo da revolução argelina, em 1962; e a associação francesa *Frères des Hommes*, criada em 1965. Esse livro marcado por forte ironia é um libelo contra o terceiro-mundismo – considerado pelo autor em tela um “delírio de um pequeno grupo” que se transformou na “verdade de uma multidão” (Bruckner, 1983,

p.16). Seu projeto era “detectar, nas virtudes exibidas dos terceiro-mundistas, as maquinações de uma má-fé, os sofismas do amor-próprio, os álibis do egoísmo, as artimanhas da hipocrisia” (Bruckner, 1983, p.15). Certamente, o livro em tela não operou como um “gatilho” no desenrolar de uma crise na sociedade francesa. Ele, de fato, servia como suporte de posturas intelectuais adversárias ao terceiro-mundismo.

Este livro, ao qual os antiterceiro-mundistas deram tanta importância, é a prova de que são sobretudo os argumentos sentimentais os mais utilizados na ofensiva ideológica contra o terceiro-mundismo; mas prova também que essas preocupações sentimentais não tem muita coisa a ver com o destino dos povos do terceiro mundo. Aliás, Pascal Bruckner não é especialista neste tipo de problema; seu livro anterior discorria sobre um tema bem diferente, mas também muito ideológico e bastante em moda: *A nova desordem amorosa* (Lacoste, 1991 [1985], p.56).

Bruckner argumenta que a referência a Bandung reativara expectativas revolucionárias e fizera das nações pobres “nações proletárias”⁸. A reaproximação sino-americana, o genocídio cambojano, os *boat people*, o Irã e o Líbano teriam, em sua leitura, desfeito essa esperança e revelado a incapacidade do terceiro-mundismo de compreender a diversidade política do Sul (Bruckner, 1983).

Diante desses acontecimentos, Bruckner qualificou o terceiro-mundismo como “ignorância militante dos outros” e recusou a ideia de uma responsabilidade causal do Ocidente pela fome. Sua argumentação opunha a culpabilidade europeia a uma noção abstrata de corresponsabilidade, minimizando a dimensão histórica do colonialismo e do imperialismo (Bruckner, 1983). Ele também tratava o antiocidentalismo como forma de ressentimento racial.

Yves Lacoste contestou a redução do terceiro-mundismo a uma patologia moral. Para ele, o livro de Bruckner recorria a argumentos morais e psicanalíticos, negligenciava a economia política e convertia a crítica ao imperialismo em “ódio de si”.

O raciocínio do geógrafo é cristalino. Da maneira como Pascal Bruckner põe os termos da questão fica parecendo que terceiro-mundistas franceses estavam grávidos de “culpabilidade” e “ódio de si”. De fato, intelectuais tais quais o agrônomo René Dumont (1904-2001) e Jean Ziegler não culpabilizavam ou odiavam a si próprios. Eles denunciavam efetivamente o capitalismo, a direita internacional. Numa palavra, o imperialismo.

8 Expressão retomada de Pierre Moussa; Lacoste (1968 [1965]) criticara a transposição de relações de classe para Estados.

Nesse interim, o médico francês Rony Brauman junta-se então à Claude Malhuret – antigo militante do *Parti Socialiste Unifié* e presidente da *Médecins Sans Frontières* entre 1978 e 1980. Eles convencem a maioria dos médicos sem fronteiras de criar outro organismo, cuja tarefa era dupla: avaliar os contextos de intervenção humanitária e verificar sua inscrição num quadro com potencial democrático. Nasce em 10 de janeiro de 1985 a organização *Libertés sans Frontiers* (LSF), cuja conferência inaugural tinha como título “*Tiers-monde, prêt-à-porter idéologique*” (Dosse, 2018).

Entre 23 e 24 de janeiro de 1985, a LSF promoveu um colóquio em Paris, no Senado, intitulado: “O terceiro-mundismo em questão” (Szczepanski-Huillery, 2005). Entre os partícipes, nomes como Jean-François Revel, Cornelius Castoriadis (1922-1997), Pascal Bruckner, Gérard Chaliand e Alfred Sauvy. Yves Lacoste foi convidado porque havia escrito os livros *Les pays sous-développés* e *Unité et diversité du tiers-monde*. Em razão disso, foi rotulado de modo simplista enquanto um “terceiro-mundista” – embora considerasse o terceiro mundo uma representação geopolítica utilizada seja por movimentos políticos, seja por Estados – em maior ou menor grau de rivalidade.

A revista *Paris-Match*, “com uma tiragem de um milhão de exemplares” (Lacoste, 1985 [1991], p.7), cobriu os debates e na edição de fevereiro de 1985 publicou na primeira página um artigo intitulado “As imposturas do terceiro-mundismo”. Yves Lacoste data dessa época o início de uma grande campanha liderada por intelectuais vinculados ao polo anti-terceiro-mundista, frequentemente situado à direita. O geógrafo então tomou a decisão de escrever *Contre les anti-tiers-mondistes et contre certains tiers-mondistes*. Entre os anti-terceiro-mundistas, o mais notório era Bruckner. Já no campo terceiro-mundista, destaca-se René Dumont e Jean Ziegler.

Rememorando que o subdesenvolvimento aparece no discurso do presidente (1945-1953) dos EUA Harry S. Truman (1884-1972) em 1949⁹, Lacoste argumenta que o início da política de ajuda aos países ditos subdesenvolvidos funcionava como álibi na luta neoimperialista contra os movimentos revolucionários. O título do livro se explica na tentativa feita pelo geógrafo de não transformar a contenda num discurso de “Bem contra o Mal”. Daí porque, como veremos, embora se posicione contra certos terceiro-mundistas, Lacoste é bastante crítico dos seus adversários – que

⁹ No discurso inaugural de 1949, o Ponto IV apresentou a assistência técnica aos países “subdesenvolvidos” como programa internacional dos Estados Unidos.

são considerados portadores de teses simplistas, egoístas e xenófobas (como escrito anteriormente).

Efetivamente, observamos no livro lacosteano uma retomada de argumentos já expostos na sua *thèse d'État*: questiona o mito prometeico do Terceiro Mundo, bem como a pretensa solidariedade existente entre ambos – ilustra com os conflitos: China *versus* Vietnã, Irã contra Iraque. Quando aborda as medidas de coletivização e estatização na China e no Vietnã, ele grafa que foram medidas “aplicadas por partidos únicos totalitários” (Lacoste, 1985 [1991], p.14). Ao lançar mão da categoria totalitarismo – forjada para equivaler comunismo e nazismo – se o geógrafo não faz o jogo da extrema-direita, termina por aproxima-se de uma gramática liberal de equivalência entre os totalitarismos que aparece como um caminho sensato entre dois extremos supostamente iguais. Observe-se ainda que a rivalidade sino-vietnamita não é acentuada por aquilo efetivamente real, ou seja, os *nacionalismos* chinês e do Vietnã, mas por esses estados serem governados por comunistas que lutam encarniçadamente pelo poder.

Os anti-terceiro-mundistas denunciavam a unidade do Terceiro Mundo como uma ilusão. Lacoste também insistia na diversidade desse conjunto, mas não excluía a existência de uma comunidade histórica, como observou Latouche (1987).

Essa diferença é fundamental pois ela prepara o caminho, ao mesmo tempo em que é resultado, de uma perspectiva política centrista. O Terceiro Mundo para o geógrafo era uma representação. Aqui é relevante fazer uma observação. Representação – no sentido lacosteano do termo – é um constructo, uma abstração observável e, por vezes, mensurável (PIB, endividamento, etc.). Dessa forma, Terceiro Mundo é uma *abstração concreta* porque extraída da realidade material dos países que se inter-relacionam e que por essa razão são engendradas contraditoriamente unidade, diversidade e solidariedade – embora não livre de conflitos, o que interromperia o próprio movimento categorial e da realidade em si.

O objetivo do livro do geógrafo era “deslindar ideias que já se tornaram muito confusas e esclarecer debates que vão ficando virulentos e degeneram em reações passionais e acusações injustas e tendenciosas” (Lacoste, 1991 [1985], p.23). Então ele define terceiro-mundismo enquanto ideologia pois trata-se de uma “visão de mundo que, no essencial, considera como fundamental e injusto o enorme contraste econômico entre dois grandes

grupos de países: os países ricos, que são dominantes, e os países pobres, que são dominados” (Lacoste, 1991 [1985], p.24).

Em seguida, para limpar ainda mais o terreno, distingue dois tipos de terceiro-mundismo que podemos nomear da seguinte forma: um estrangeiro e outro autóctone. No primeiro caso, são intelectuais e militantes europeus e americanos que consideram necessário ajudar os países do Terceiro Mundo a se desenvolverem e libertarem-se da dominação dos países desenvolvidos. Dirigem-se principalmente à opinião pública pátria, no duplo intuito de conscientizá-la da pobreza do Terceiro Mundo e denunciando o papel desempenhado pelas grandes potências naquele imenso conjunto geopolítico. A ênfase aqui recai na dimensão externa da luta e o Terceiro Mundo é visto no seu conjunto.

No segundo caso, que nomeamos de terceiro-mundismo autóctone, os agentes que vocalizam as demandas são intelectuais, militantes e políticos dos países do Terceiro Mundo. Pensemos em Frantz Fanon, Aimé Césaire, Sukarno, Nehru, Gamal Abdel Nasser, Chu En-Lai, Fidel Castro, Che Guevara, Kwame Nkrumah, Haïlé Sélassié. A principal característica desse tipo de terceiro-mundismo é a solidariedade (política). Através desta, buscam o desenvolvimento (econômico), resistem às pressões das grandes potências ao mesmo tempo em que buscam obter delas “ajuda” e ações que atenuem a troca desigual.

Como resta claro, embora o geógrafo não conteste a existência de um Terceiro Mundo, enxerga a solidariedade política mais ou menos como um *flatus vocis*. Isso porque as rivalidades entre os Estados desse conjunto geopolítico seria um obstáculo e o interesse nacional falaria mais alto. Sem dúvida, o nacionalismo pode efetivamente ser uma barreira para a integração econômica e solidariedade política (os conflitos entre Camboja, Vietnã e China não nos deixa mentir). No entanto, essa própria forma de Yves Lacoste posicionar-se desvela o caráter não-dialético do seu método. O geógrafo, deixemos claro, não é antidialético. Nesse caso do Terceiro Mundo ele opera de modo não-dialético, próximo de uma lógica formal. Aqui é pertinente atentarmos para uma lição de método dialético marxiano presente na *Miséria da filosofia*. Como escreveu Karl Marx (2008 [1847], p.137): “O que constitui o movimento dialético é a coexistência de dois lados contraditórios, sua luta e sua fusão em uma categoria nova”. Ora, Terceiro Mundo é uma categoria nova porque captura a coexistência da contradição – num primeiro momento, acentuadas as cizânias com as potências coloniais. As rivalidades intestinas e internacionais na corrente política terceiro-mundista não podem ser lançadas fora como “um lado mau”. Isso, como nos ensina Marx, interrompe o movimento

dialético. O Terceiro Mundo – enquanto abstração concreta, representação – é um ser em processo cujo dínamo são as contradições intrínsecas.

Acima escrevemos que Yves Lacoste via a solidariedade política como mais ou menos um *flatus vocis*. Isso quer dizer que no longo prazo ela não estava revogada da mente do geógrafo. Ele mesmo grafa que o problema foi considerado-la como “automática”. Todavia, por definição, se a solidariedade política fosse automática, por qual motivo organizar-se-ia uma conferência tal qual Bandung? Ou ainda fundar a Organização de Solidariedade dos Povos da África e da Ásia (OSPAA)? Essas conferências, organizações, eram a prova viva de que a solidariedade terceiro-mundista era algo a ser construído conscientemente, de maneira voluntária e refletida, pois o germe dessa relação foi plantado, paradoxalmente, pelo fenômeno colonial. Uma solidariedade em ato só é possível porque existe em potência.

Embora Lacoste rejeite a tese de que a riqueza dos países desenvolvidos derive da pilhagem, conhece a obra homônima de Pierre Jalée. Os dados reunidos por Jalée indicam uma deterioração dos termos de troca: entre 1953 e 1969, os países do Terceiro Mundo passaram a pagar mais por suas importações e a receber menos por suas exportações (Jalée, 1980 [1973], p.69-70).

Essa perspectiva de negar a pilhagem não é apenas terminológica; possui implicações analíticas e políticas: revela uma *posição concreta* diante de uma questão fulcral. A própria forma como Yves Lacoste a expõe é sugestiva. Ele parece não ver relação entre colonialismo e revolução industrial. Os terceiro-mundistas “recordam que o ‘pacto colonial’ impediu o desenvolvimento industrial do terceiro mundo. Porém a expansão colonial europeia começou dois séculos antes da Revolução Industrial” (Lacoste, 1991 [1985], p.36). O colonialismo, assim como a escravidão, é base da industrialização que ocorrerá nos países desenvolvidos. Daí porque é importante insistir forte e enfaticamente no papel desempenhado pela moderna colonização e do escravismo. São essas instâncias que universalizam o comércio e a grande indústria. Contudo, esses fatos estão relativamente fora do campo de visão lacosteano. Não que o geógrafo os desconheça, mas sim porque não são *categorias* que efetivamente organizam seu pensamento e argumentação. Ele prefere reeditar a alegação de que o desenvolvimento do capitalismo na Europa é produto da burguesia. Além disso, enfatiza o papel das elites dirigentes que constituíram laços com os europeus conquistadores e buscaram lucrar com a colonização – açambarcando as terras, por exemplo. Yves Lacoste é sabedor dos horrores do sistema colonial, exemplificado no

tráfico de escravos em África. É verdade que africanos escravizaram outros africanos e comerciavam com os europeus. *Nolo contendere*. Esse processo é uma determinação, um traço constitutivo da colonização. Inobstante isso, o acento colocado pelo geógrafo nas questões internas acaba amainando os fatores externos que se entrelaçam no processo inerente ao escravismo-colonialismo. Em todo caso, Lacoste também acentua esses traços interiores para demonstrar a existência de relações de classe dentro de cada Estado – ele prefere, inclusive, utilizar esse termo em detrimento daquele de *país*. País se presta muito facilmente às metáforas, além de soar como vago e ambíguo. Ele está evitando o geografismo.

É possível afirmar que no livro ora analisado, seu autor expressa uma posição política de centro ou, se quisermos, de centro-esquerda. O jornalista, conselheiro de direção e editorialista do *Le Monde*, Pierre Drouin (1921-2010) considerou o livro de Yves Lacoste corajoso por ofertar um “outro olhar para o Sul”. Em sua visão, com a recrudescência do combate ideológico acerca do terceiro-mundismo, o geógrafo havia colocado as coisas em ordem e as pessoas em seu lugar sem se preocupar em ser recuperado por qualquer um dos lados em disputa. E assim ele celebra o centrismo de Lacoste: “soube desenredar-se das ideologias de direita e de esquerda” (Drouin, 1986, p.2)

Efetivamente, ele é refratário aos anti-terceiro-mundistas (a “direita”) mas também à certos terceiro-mundistas (a “esquerda”). O geógrafo rejeita o racismo, a xenofobia, ao mesmo tempo em que critica as representações apocalípticas do Terceiro Mundo. O Terceiro Mundo existe? Sim. Ele forma uma unidade? Politicamente, não – pois trata-se de um conjunto bastante diverso. O capitalismo é o principal artífice dos problemas sociais enfrentados pelo Terceiro Mundo? Não, pois na verdade é a discrepância entre crescimento das necessidades e crescimento dos recursos econômicos – esse continua a ser o critério insuperável dos países subdesenvolvidos, da unidade do Terceiro Mundo. A colonização foi decisiva para o devir histórico desse conjunto geopolítico? Sim, da mesma forma que é preciso ressaltar o papel das minorias privilegiadas, as classes dirigentes nativas que se aliaram aos dominadores alienígenas. Essa é a principal razão pela qual os problemas dos países subdesenvolvidos, do Terceiro Mundo, são vislumbrados por Lacoste enquanto dramas internos.

Por um lado, Yves Lacoste não crê numa unidade política do Terceiro Mundo. Por outro, considera útil e necessário colocar o problema numa ótica de conjunto. E aqui temos mais um indício que ele está caminhando

para uma perspectiva política centrada: não se tratava mais de questionar o sistema capitalista. O papel dos terceiro-mundistas é democrático, ou seja, explicar aos concidadãos os problemas desse gigantesco conjunto geopolítico e encorajar os governos do primeiro mundo a assegurar a ajuda aos Estados do Terceiro Mundo.

Se Yves Lacoste não era mais um comunista, tampouco era partidário do *laissez-faire*. Em sua visão, o liberalismo defendido pelos anti-terceiro-mundistas conduziria à catástrofe: do reaparecimento das fomes-hecatombes até a possibilidade de uma “terceira guerra mundial” (Lacoste, 1991 [1985], p.142). Daí a intenção do geógrafo em desmistificar o terceiro mundo *pari passu* seu desejo de tornar a política de ajuda mais eficaz. A ajuda seria o “freio de emergência”. Como notou o historiador e cientista político Hervé Coutau-Bégarie (1956-2012), o livro é finalizado e o conteúdo da política de ajuda não é precisado (Coutau-Bégarie, 1985).

Mais do que isso: o geógrafo não parece perceber que o efeito da ajuda é transferir a responsabilidade de orientar o desenvolvimento para os doadores, por isso ela acentua os mecanismos de dominação econômica-política (Amin, 1977 [1970]). O geógrafo James Morris Blaut (1927-2000) atenta que a função da ajuda externa não é desenvolver, mas sim *subdesenvolver*. E entende por esse termo a manutenção ou o fortalecimento da “infraestrutura necessária para uma exploração neocolonial eficiente” (Blaut, 1973, p.311). Uma vez mais, Samir Amin (1976 [1973]) reitera que a ajuda externa é uma condição necessária do funcionamento do sistema da “especialização internacional”. É um desenvolvimento voltado para fora, extravertido, porque no centro do sistema o financiamento é interno (o capitalismo é nacional), ao passo que na periferia o financiamento provém – em larga medida – do capital estrangeiro. Daí porque o economista egípcio conclui que se os investimentos produtivos são realizados pelo capital estrangeiro, devem necessariamente conduzir a um refluxo dos lucros no sentido inverso – terminando por bloquear o crescimento.

Serge Latouche (1987), embora considere a obra estimulante e sólida, não deixou de indicar os limites da análise de Lacoste: sua filiação ao economicismo e aos mitos do desenvolvimento. Não deixa de ser curioso Latouche vincular o geógrafo ao economicismo, dado que esse é um dos maiores esforços que ele busca evitar nas análises empreendidas. Entretanto, isso é explicável: na visão do economista e filósofo francês, Yves Lacoste pouco critica os teóricos da exploração internacional – a exemplo de Samir Amin e Arghiri Emmanuel. Isso é parcialmente verdadeiro, pois o geógrafo via com ressalvas o modelo

centro-periferia e os mecanismos da troca desigual Para Serge Latouche, o geógrafo aderiu à uma visão universalista e progressista do desenvolvimento. Desenvolvimento seria um “modelo” para Lacoste, ao passo que para o economista e filósofo francês é uma relação de poder. Essa afirmação é bastante questionável uma vez que Yves Lacoste mostrou-se crítico, além do já citado modelo centro-periferia, do próprio modelo marxista, dos métodos quantitativos e até mesmo do modelo de *Sierra Maestra* – enquanto arquétipo de estratégia revolucionária. O geógrafo está muito mais próximo de uma perspectiva do inventário das diferenças que de um objetivo generalizável.

A crítica mais virulenta veio do professor do *Institut d'études du développement économique et social*, Université Paris I-Panthéon-Sorbonne, Yves Goussault (1923-2003). De acordo com o professor, Yves Lacoste havia participado de um colóquio terceiro-mundista em novembro de 1985 e o livro decepcionaria uma vez mais aqueles que ficaram desapontados com o geógrafo quando do colóquio (Goussault, 1986). Na sua avaliação, Lacoste reduziu o Terceiro Mundo a critérios descritivos e morfológicos – o que revogaria cientificidade da obra; além disso as evidências seriam irrelevantes e com o intuito de neutralizar o confronto político e mascarar o antagonismo ideológico.

Então, Yves Goussault enumera três observações: (1) Yves Lacoste clama por uma conciliação terminando por fazer o jogo da *Liberté sans frontières* – emanção ideológica da organização reacionária *Médecins sans frontières*; (2) o geógrafo confirma a vulnerabilidade do terceiro-mundismo francês que ignora, ou busca ignorar, as lutas de classes em escala internacional. Além disso, ele situa deliberadamente a solidariedade fora da perspectiva anti-imperialista. Finalmente, (3) Lacoste era a prova de que o terceiro-mundismo reformista era afrontado por causa dos cinco anos de governo socialista de François Mitterrand. Alguns exemplos: o atlantismo¹⁰ e o antissovietismo, venda de armas, abstenção da ONU, relações com a África do Sul.

De todas essas observações podemos grafar que a questão central é o *imperialismo*. Como conciliar com *Liberté sans frontières*, bem como com a política atlantista e antissoviética? A revogação da categoria imperialismo conduz justamente a isso. Com essa categoria revogada, resta o velho critério do crescimento demográfico enquanto denominador comum do Terceiro Mundo. A diminuição do peso e da responsabilidade do imperialismo é diretamente proporcional àquela do colonialismo.

¹⁰ Referência à Organização do Tratado do Atlântico Norte – OTAN, cartel militar criado em 1949.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo da obra *Contre les anti-tiers-mondistes et contre certains tiers-mondistes* permitiu-nos apontar de que forma Yves Lacoste se posiciona na controvérsia sobre o terceiro-mundismo no seio da intelectualidade francesa. Sua intervenção não pode ser reduzida nem ao anti-terceiro-mundismo liberal-conservador, nem à defesa clássica do terceiro-mundismo revolucionário. O geógrafo procurou construir uma posição intermediária, crítica dos dois polos em disputa.

Essa posição foi aqui definida como uma perspectiva política centrista. A categoria não designa uma identidade partidária de Lacoste, mas um lugar analítico no campo intelectual francês dos anos 1980. Ela se manifesta na dupla recusa dos anti-terceiro-mundistas e de certos terceiro-mundistas, na crítica à unidade política automática do Terceiro Mundo, na incorporação parcial da linguagem antitotalitária, na valorização da ajuda internacional e na redução relativa do peso explicativo do imperialismo.

Os acontecimentos da China, do Camboja e do Vietnã foram decisivos para essa recomposição. A Revolução Cultural, o genocídio cambojano e os *boat people* não produziram em Lacoste uma adesão ao anti-terceiro-mundismo de Bruckner, mas contribuíram para enfraquecer a associação entre Terceiro Mundo e revolução. A partir daí, a questão central já não é a transformação socialista do sistema mundial, mas a elaboração de políticas capazes de evitar catástrofes e tornar a ajuda mais eficaz.

Esse centrismo se manifesta também na negação da unidade política do Terceiro Mundo. Ora, o fato de Camboja, China e Vietnã terem tido suas conflagrações bélicas não elimina a realidade material de terem sido colonizados brutalmente por potências ocidentais – especialmente pela França, a pátria dos intelectuais desencantados. Esse desencanto com o Terceiro Mundo, na verdade, buscava atingir outro alvo: o socialismo. Nesse sentido, a crítica ao terceiro-mundismo frequentemente operou também como crítica ao socialismo enquanto horizonte histórico de emancipação, sobretudo quando as experiências chinesa, cambojana e vietnamita passaram a ser mobilizados como prova contra a própria ideia de revolução.

O limite da posição lacosteaniana aparece, por outro lado, na forma como o imperialismo, a pilhagem, a escravidão e a colonização perdem centralidade explicativa. Ao enfatizar as diferenças internas entre os Estados do Terceiro Mundo e ao deslocar a solução para a política de ajuda, Lacoste enfraquece a análise das relações estruturais que produziram a desigual-

dade entre centro e periferia. Desse modo, sua intervenção ilumina a crise do terceiro-mundismo, mas também revela o deslocamento de parte da intelectualidade francesa de uma crítica anti-imperialista para uma gramática reformista e humanitária.

A ajuda como “freio de emergência” resume essa inflexão. Ela conserva uma preocupação ética e política com os povos pobres e periféricos, mas já não se articula a um projeto de ruptura com o capitalismo mundial. A controvérsia sobre o terceiro-mundismo, portanto, permite observar não apenas uma mudança na trajetória de Yves Lacoste, mas uma transformação mais ampla das expectativas políticas da intelectualidade francesa diante do Terceiro Mundo. ●

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGNEW, John. **Geopolitics**: re-visioning world politics. London/New York, 2003 [1998].

AMIN, Samir. **La acumulación a escala mundial**: crítica de la teoría del subdesarrollo. Traducción de Rosalía Cortés. 3ª edición. México, DF: Siglo Veintiuno Editores, 1977 [1970].

AMIN, Samir. **O desenvolvimento desigual**: ensaio sobre as formações sociais do capitalismo periférico. Tradução de Francisco Rego Chaves Fernandes. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1976 [1973].

AMIN, Samir. **L'Éveil du Sud** : L'Ère de Bandoung (1955 – 1980). Panorama politique et personnel de l'époque. Paris: Le temps des cerises, 2008.

BEVINS, Vincent. **The Jakarta method**: Washington's anticommunist crusade and the mass murder program that shaped our world. New York: PublicAffairs, 2020.

BLAUT, J. M. The theory of development (1973). In: PEET, Richard. **Radical Geography**: Alternative Viewpoints on Contemporary Social Issues. Jaipur (India): Rawat Publications, 2016 [2003], p.309-314.

BRUCKNER, Pascal. **Le Sanglot de l'homme blanc**. *Tiers Monde, culpabilité, haine de soi*. Paris : Seuil, 1983.

BRUNEAU, Michel. Cambodge. In: LACOSTE, Yves (dir.). **Dictionnaire géopolitique des Etats**. Paris : Flammarion, 1996, p.111-114.

CHALIAND, Gérard. **Revolution in the Third World**: myths and prospects.

Translation by Diana Johnstone. Foreword by Immanuel Wallerstein. Hassocks, Sussex: The Harvester Press, 1977 [1976].

COUTAU-BEGARIE, Hervé. Yves Lacoste. Contre les anti-tiers-mondistes et contre certains tiers-mondistes. In : **Politique étrangère**, n°4 - 1985 - 50 année. p. 1048.

DOSSE, François. **La marcha de las ideas**. Historia de los intelectuales, historia intelectual. Traducción Rafael F. Tomás. Valencia: Publicacions de la Universitat de València, 2006 [2003].

DOSSE, François. **La saga des intellectuels français**, II : L'avenir en miettes (1968-1989). Paris : Gallimard, 2018. <https://doi.org/10.14375/NP.9782072789700>

DROUIN, Pierre. Um autre regard vers le Sud. **Le Monde**, Paris, 1^{er} janvier 1986. Disponível nos arquivos do jornal *Le Monde* da *Bibliothèque publique d'information* do *Centre national d'art et de culture Georges-Pompidou*.

FURIATI, Claudia. **Fidel Castro, Uma Biografia Consentida**. Tomo II: Do Subversivo ao Estadista. Rio de Janeiro: Revan, 2001.

GUEVARA, Ernesto "Che". Mensaje a los pueblos del mundo a través de la Tricontinental. In: GUEVARA, Ernesto "Che". **Obras Escogidas**. Santiago de Chile: Resma, 2004 [1967], p.425-435.

GOUSSAULT, Yves. Yves Lacoste : Contre les anti-tiers-mondistes et contre certains tiers-mondistes. Ed. La Découverte, Paris 1985. In : **Recherches Internationales**, n°19, 1986, p.105-109.

HEKPAZO, Jacqueline. Tiers-mondisme et anti-tiers-mondisme. Table ronde. **International Review of Community Development/Revue internationale d'action communautaire**, (18), 1987, pp. 175-185. <https://doi.org/10.7202/1034277ar>

HOBBSAWM, Eric. **A era dos extremos**: O breve século XX: 1914-1991. Tradução de Marcos Santarrita. Revisão técnica de Maria Célia Paoli. São Paulo: Companhia das Letras, 1995 [1994].

JALÉE, Pierre. **A Pilhagem do Terceiro do Mundo**. Tradução de Ângela Sarmento. Lisboa: Livraria Sá da Costa Editora, 1980 [1973].

LACOSTE, Yves. **Geografia do Subdesenvolvimento**. Introdução de Pierre George. Tradução de T. Santos. 2ªed. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1968 [1965].

LACOSTE, Y. **Unité et diversité du tiers monde**. Tome I : Des représentations planétaires aux stratégies sur le terrain. Paris : François Maspero, 1980.

LACOSTE, Yves. Ho Chi Minh-Ville et les problèmes nouveaux du Vietnam. **Hérodote**. Paris, n.21, avril-juin 1981, p.31-67.

LACOSTE, Y. **Contra os anti-terceiro-mundistas e contra certos terceiro mundistas**. Tradução de Márcia Nogueira de Albuquerque. São Paulo: Editora Ática, 1991 [1985].

LACOSTE, Yves. **Aventures d'un géographe**. Paris : Équateurs, 2018.

LATOUCHE, Serge. Réflexions sur le livre de Yves Lacoste : contre les anti-tiers-mondistes et contre certains tiers-mondistes. In : **Tiers-Monde**, tome 28, n°110, 1987, p. 441-446. <https://doi.org/10.3406/tiers.1987.4562>

MARX, Karl. **Miséria da Filosofia**. Tradução Torrieri Guimarães. Prefácio e notas de Jean Kessler. 2ªed. São Paulo: Martin Claret, 2008 [1847].

MARX, Karl. **Grundrisse**: manuscritos econômicos de 1857-1858: esboços da crítica da economia política. Tradução de Mario Duayer, Nélcio Schneider. São Paulo: Boitempo; Rio de Janeiro: Ed.UFRJ, 2011 [1858].

MOUSSA, Pierre. **As nações proletárias**. Tradução de Emília Vassalo. Lisboa: Livraria Morais Editora, 1966 [1959].

NIKEL, Séverine. Boat People. In: JULLIARD, Jacques; WINOCK, Michel (orgs.). **Dictionnaire des intellectuels français. Les personnes. Les lieux. Les moments**. Paris: Éditions du Seuil, 2002 [1996], p.191-192.

PONS, Silvio. **A revolução global**: história do comunismo internacional (1917-1991). Tradução por Luiz Sérgio Henriques. Rio de Janeiro: Contraponto; Brasília: Fundação Astrojildo Pereira, 2014.

RANGEL, Carlos. **El tercermundismo**. Caracas: Monte Avila Editores, 1982.

TOGNIDE, Denis. Tiers-mondisme et anti-tiers-mondisme. Table ronde. **International Review of Community Development / Revue internationale d'action communautaire**, (18), 1987, pp. 175-185. <https://doi.org/10.7202/1034277ar>

VISENTINI, Paulo Fagundes. **A revolução vietnamita**: da libertação nacional ao socialismo. São Paulo: Editora UNESP, 2008.

VISENTINI, Paulo Fagundes; PEREIRA, Analúcia Danilevicz. **Manual do candidato**: história mundial contemporânea (1776-1991): da independência dos Estados Unidos ao colapso da União Soviética. Apresentação do Embaixador Georges Lamazière. – 3. ed. rev. atual. – Brasília: FUNAG, 2012.

WINOCK, Michel. **Le siècle des intellectuels**. Paris: Éditions du Seuil, 1997.

WINOCK, Michel. **Le XXe siècle idéologique et politique**. Paris: Éditions Perrin, 2009.

EDITOR DO ARTIGO

Cláudio Luiz Zanotelli

Universidade Federal do Espírito Santo

Vitória, Espírito Santo, Brasil

claudio.zanotelli@ufes.br

Artigo recebido em: 30/07/2026

Artigo aprovado em: 14/09/2026

Artigo publicado em: 01/10/2026